

Das ingombotas ao bairro operário: políticas metropolitanas, trânsitos e memórias no espaço urbano luandense (Angola, 1940-1960)

Ingombotas and workman neighborhood: metropolitan policies, transits and memories in luanda urban areas (Angola, 1940-1960).

Washington Santos Nascimento*

Resumo

Este artigo tem por propósito discutir as transformações no espaço urbano de Luanda, capital de Angola, entre os anos de 1940 e 1960, a partir da análise de dois de seus principais bairros, as Ingombotas e o Bairro Operário (Bê Ó). Para tanto faremos uso, sobretudo, das memórias dos moradores, tentando compreender nelas as representações destes dois espaços enquanto síntese do que deveria ser a Luanda e Angola pós-colonial.

Palavras-chave

Angola. Luanda. Espaço Urbano. Memórias.

Abstract

This article has the purpose to discuss the changes in the urban space of Luanda, capital of Angola, between the years 1940 and 1960, based on the analysis of two of its main neighborhoods, Ingombotas and the Workers Quarter (Bê Ó). For this we will use above all the memories of residents trying to understand them representations of these two spaces as a summary of what should be the Luanda and Angola postcolonial.

Keywords

Angola. Luanda. Urban Space. Memories.

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É docente de História da África no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: washingtonprof@gmail.com

Em meados do século XX, Luanda dividia-se em dois grandes espaços, a Alta e a Baixa, locais de passagem como o Largo da Mutamba, bairros da elite nativa local; Ingombotas, Bairro Operário (Bê Ó), e espaços da população autóctone pobre, os Musseques¹. Entre estes espaços houve um grande trânsito de pessoas, sobretudo angolanos, que se deslocaram de um bairro para outro empurrados pela presença do colonizador português, mais intensa a partir de 1940. Estes trânsitos promoveram novos arranjos populacionais a partir de uma maior proximidade entre a elite nativa e as populações mais empobrecidas. Entender estas novas configurações e de que maneira elas contribuíram para uma reação mais coesa (e sistemática) contra o colonialismo português em Angola é o objetivo deste artigo, através da análise de Luanda e de dois de seus principais bairros, as Ingombotas e o Bairro Operário.

Parte da elite intelectual e política de Angola residiram neles, como os escritores e militantes políticos Agostinho Neto (primeiro presidente da Angola independente), Mario Pinto de Andrade (Fundador e primeiro presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola –MPLA), Arnaldo Santos (escritor de livros como *Kinaxixe*, 1965), e *Casa Velha das Margens*, 1999) Agostinho Mendes de Carvalho (autor de *Mestre Tamoda*, 1974, e *Manana*, 1974), Liceu Vieira Dias (fundador de um dos mais importantes grupos musicais de Angola o N’Gola Ritmos), Domingos Van-Dunen (escritor, dirigente da Liga Nacional Africana e do Clube Teatro de Angola). Não raro também aparecem enquanto espaços de análise da ficção angolana, sendo, por exemplo, referenciados constantemente nas obras de Luandino Vieira e ganhando centralidade no conto “O bairro operário não tem luz” de Arnaldo Santos².

O estudo destes bairros, bem como da cidade de Luanda, constitui-se laboratório privilegiado através do qual é possível analisar as ações do colonialismo, as transformações dentro da sociedade angolana e por fim as resistências ao colonizador. Como salientam Nuno Domingos e Elsa Peralta as cidades coloniais africanas foram centros de administração e de poder colonial, onde houve um processo de transferência da cultura

¹ O termo musseque é originário do Kimbundu, constituído pelo prefixo De 'mu' (lugar) + 'seke' (areia), sendo portanto a definição de lugar ou terreno arenoso. Trata-se do espaço de habitação da população pobre de Luanda. RIBAS, Oscar. Elucidário In: RIBAS, Oscar. *Uanga (Feitiço)*. Luanda: Mercado de Letras, 2009.

² CHAVES, Rita. A geografia da memória na ficção angolana. In: CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. SANTOS, Arnaldo. O Bairro Operário não tem luz In: SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Ática, 1981, p.72-74.

imperial, bem como de suas ordens ideológicas, econômicas e culturais e de controle de populações. Mas também foram espaços de construção de resistências e autonomias por parte da população local³. Por esta razão, a pesquisa sobre estes espaços urbanos se constituiu como um campo próprio de estudos⁴.

Especificamente sobre Luanda merece destaque as pesquisas realizadas por Cristine Messiant, Fernando Mourão e Claudia Castelo, entretanto ainda inexistem trabalhos que discutam com centralidade os vinte anos anteriores ao início do levante armado (1940-1960), bem como as mudanças sofridas nas Ingombotas e no bairro operário neste período⁵.

Além disso, tais estudos utilizam muito tangencialmente as memórias de seus antigos moradores. Estas serão entendidas neste artigo em sua dimensão coletiva, ou seja, enquanto expressão da identidade de um determinado grupo social, a elite letrada nativa de Luanda, que se deslocará das Ingombotas para o Bairro Operário, sobretudo por conta da chegada dos portugueses nos anos quarenta⁶.

Diferentemente de outros trabalhos nossos, desta vez preferimos usar a expressão “elite letrada nativa” para diferenciar uma camada que se destaca dentro da sociedade angolana em meados do século XX, sobretudo por ter tido acesso à escolaridade, apesar de estar em franco declínio econômico. Trata-se de um grupo heterogêneo que comporta descendentes da antiga elite crioula urbana de Luanda (por isso usaremos

³ DOMINGOS, Nuno e PERALTA, Elsa. *Cidade e Império: Dinâmicas Coloniais e Reconfigurações Pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2013.

⁴ Podemos destacar algumas obras coletivas que dão uma visão ampla de tais estudos tais como as coletâneas organizadas por Nuno Domingos e Elsa Peralta (2013). NUNO, Domingos; PERALTA, Elsa (Ed.). *A Cidade e Império: Dinâmicas Coloniais e Reconfigurações Pós-Coloniais*. Lisboa: Ed. 70, 2013. ROSS, R.; TELKAMP, G. (Org.), *Colonial Cities: Essays on Uwanism in a Colonial Context*. Dordrecht: MartinusNijhoff, 1985. ALSAYYAD, N. (Org.), *Forms of Dominance: On the Architecture and Uwanism of the Colonial Enterprise*. Aldershot: Avebury, 1992.; CAHEN, Michel (Org.). *Bourgs et Villes en Afrique Lusop/wne*. Paris: Harmattan, 1989.

⁵ MESSIANT, Christine. *L'Angola post-colonial: Sociologie d'une oléocratie*. Paris: Karthala, 2009. MESSIANT, Christine. Luanda (1945-1961): colonisés, société coloniale et engagement nationaliste. In: CAHEN, Michel (Org.). *Vilas et cidades*. Bourgs et villes en Afrique Lusophone. Paris: Laboratoire Tiers-Monde/Afrique, 1989. MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e discontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. São Paulo: Terceira Margem, 2006. CASTELO, Cláudia. *Passagens para África*. O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

⁶ Nossa definição de memórias baseia-se em Halbwachs (2004) e Fentress e Wickham (1994). HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004 e FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1994.

neste artigo a denominação “antiga elite crioula”) e aqueles que vieram do interior para a capital, os novos assimilados⁷.

Entendemos que “elite letrada nativa” é preferível a termos como “crioulos” (mais verdadeiro quando se refere a esta camada entre os séculos XVI e XX), “filhos do país” (apropriada na transição dos séculos XIX–XX) e “angolenses” (adequada para o início do século XX)⁸.

A chegada dos portugueses nos anos 40

A chegada em massa dos portugueses nos anos quarenta, impulsionada por uma nova política portuguesa de ocupação de suas colônias⁹, provocou um redesenho demográfico na cidade e a expulsão da antiga elite crioula das zonas centrais (como o Bairro das Ingombotas) para zonas periféricas (a exemplo do Bairro Operário). Nesse cenário, as tensões sociais e raciais aumentaram significativamente, pois os portugueses recém-chegados concorreram com a elite letrada local (os antigos crioulos e novos assimilados) e os nativos em várias atividades econômicas, deslocando-os e marginalizando-os, ocorrendo o que Cristine Messiant denominou de “racialização topográfica”, com a separação entre uma cidade branca (centro) e uma cidade negra (periferia), apesar da existência de pequenos contingentes de negros e brancos nos lados opostos¹⁰.

⁷ Por conta de sua aceção cultural e como símbolo de um processo de mistura existente dentro de Luanda, desde o início do século XVI, preferimos em obras anteriores utilizar o termo crioulo. NASCIMENTO, Washington Santos. Os crioulos e suas memórias sobre as políticas de assimilação colonial em Angola. (1926-1975). *Revista Binacional Brasil Argentina: Diálogo entre as Ciências*, v. 4, p. 101-115, 2015. NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. Tese (Doutorado em História Social)–Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁸ Uma discussão sobre estas terminologias é feita por Marzano (2013). MARZANO, Andrea. Filhos da terra: identidade e conflitos sociais em Luanda. In: RIBEIRO, Alexandre; GEBARA, Alexander. (Org.). *Estudos Africanos: Múltiplas abordagens*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2013. p. 30-57.

⁹ Um dos mais significativos sobre as migrações de portugueses para suas colônias na África foi o desenvolvido por Claudia Castelo (2007). CASTELO, Cláudia. *Passagens para África*. O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da MetrÓpole. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

¹⁰ Os novos assimilados foram angolanos do interior que conseguiram o bilhete de assimilado entre os anos de 1926 e 1961, já os “indígenas” são os nativos angolanos na nomenclatura legislativa portuguesa. Uma análise sobre as distinções entre estes três grupos pode ser encontrada em Washington Nascimento (2013). NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 16-24.

A discriminação racial era regulamentada pelo Estatuto do Indigenato (1926), que, legalmente, separava os luandenses entre portugueses, assimilados e indígenas. Este estatuto fora criado como uma forma de organizar o trabalho dos nativos, mas também como um instrumento para limitar o poder político dos antigos crioulos pois retirava deles o status legal de civilizado, instituído durante a República (1910-1921), e criava mais *démarches* difíceis de serem vencidas para se tornar um assimilado¹¹.

Além disso, os castigos corporais impetrados pelos patrões, autoridades administrativas e policiais aos nativos (“indígenas”) eram comuns não só em Luanda, mas em toda a Angola. Havia formas mais sutis de racismo, como a diferenciação salarial e os obstáculos no acesso ao emprego e à ascensão social¹².

Os portugueses recém-chegados à colônia utilizavam-se dos discursos racistas e do instrumental coercitivo português para afastar a concorrência com a elite letrada nativa, sobretudo nos setores da administração colonial¹³. Os imigrantes mesmo quando não apresentavam qualquer formação escolar ou profissional, pela simples entrada em uma colônia fortemente hierarquizada em função do componente racial, eram levados a se sentirem superiores no desempenho de tarefas similares¹⁴.

Na prática, a própria organização social metropolitana instalada em Luanda dificultava o acesso da elite letrada nativa a cargos administrativos, mesmo de segundo e terceiros escalões, pois havia temor de rebaixamento dos europeus em face dos nativos. E mesmo em cargos mais simples, do comércio por exemplo, começou a ocorrer uma substituição dos trabalhadores africanos por portugueses nas vagas de trabalho¹⁵.

¹¹ Uma discussão sobre o Estatuto do Indigenato pode ser encontrada em Elizabeth Cruz (2005) e Washington Nascimento (2013). CRUZ, Elizabeth Ceita Vera. *Estatuto do indigenato: a legalização da discriminação na colonização portuguesa*. Luanda: Chá de Caxinde, 2005 e NASCIMENTO, Washington Santos. Op. cit.

¹² CASTELO, Cláudia *Passagens para África*, op. cit., p. 284.

¹³ RODRIGUES, Eugénia. *A geração silenciada: a Liga Nacional Africana e a representação do branco em Angola na década de 1930*. Porto: Edições Afrontamento, 2003, p. 86.

¹⁴ CASTELO, Cláudia *Passagens para África*, op. cit., p. 287.

¹⁵ “[...] mesmo nos lugares mais modestos, os naturais das colônias estavam a ser substituídos por metropolitanos. Em Angola, nos hotéis e restaurantes, por exemplo, apenas os antigos estabelecimentos, como o Hotel Paris, o Hotel Central, o Grande Hotel de Luanda, o Café Gelo, a Cervejaria Biker, a Portugália, o Baleizão e pouco mais, mantinham ao seu serviço de mesa pessoal negro” (CASTELO, op. cit., p. 327). Entretanto o mais comum eram os brancos tomarem os lugares dos nativos, levando a um desemprego em massa dos trabalhadores nativos em Luanda.

Neste cenário podemos traçar a seguinte espacialização nos anos 1940 em Luanda: ao longo da costa, os colonialistas (agentes da metrópole); nos bairros arenosos, os colonos (instrumentos de colonização) e antigos crioulos; e, nos musseques, novos assimilados e nativos (“indígenas”).

Tabela 1: Espacialização em Luanda (1920-1960)

| Até a segunda guerra mundial (Década de 1940) | Depois da Segunda Guerra Mundial: Intensificação da chegada dos colonos portugueses. |
|---|---|
| Costa e Centro = Agentes da Metrópole | Costa e Centro = Agentes da Metrópole e Colonos portugueses |
| Bairros Arenosos = Colonos portugueses e antigos crioulos | Bairros Arenosos = Colonos portugueses |
| Musseques = Assimilados e “indígenas”. | Musseques mais centrais= Colonos portugueses pobres (5%), Novos Assimilados e “indígenas”. Musseques mais afastados = “Indígenas” |

Fonte: Coluna 1: MINGAS, Amélia A Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda, Luanda, Chá de Caxinde. 2000.

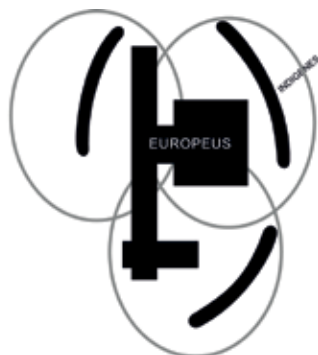
Coluna 2: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. As relações étnicas em Angola: as minorias branca e mestiça (1961- 1992). (Disponível em: <http://www.angolanistas.org/ZAZprincipal/r_eticas.htm>)

Para dar conta do crescimento vertiginoso de Luanda, as autoridades locais contrataram, em 1942, o urbanista francês Étienne de Gröer para realizar o primeiro plano de urbanização para a cidade, em conjunto com o português David Moreira da Silva. O plano urbanístico desenvolvido por eles visou desconstruir a natureza defensiva e comercial, comum nas cidades coloniais litorâneas desde o século XVIII, criando cinco aglomerados-satélites, que envolveriam a cidade, cujo objetivo era canalizar a população excedente para as novas cidades-dormitórios¹⁶. A intenção deliberada do governo português era arrumar habitação para os colonos recém-chegados e afastar os “indígenas” dos centros urbanos, como fica claro no plano de Vasco Cunha, de 1948:

¹⁶ O detalhamento do projeto com imagens e plantas cartográficas é discutido por Maria Manuela Fonte (2007). FONTE, Maria Manuela. *Urbanismo e Arquitectura em Angola* – de Norton de Matos à Revolução. Dissertação (Doutoramento em Planeamento Urbanístico) –UTL/FA, 2007.



25. Esquema das cidades coloniais - relação entre europeus e indígenas.



25. Esquema de organização proposto para cidade Satélite nº3, na relação entre europeus e indígenas (1948)

Imagem 1: Reestruturação urbana de Luanda

Fonte: FONTE, Maria Manuela. *Urbanismo e Arquitectura em Angola: de Norton de Matos à Revolução. Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p. 86*

Apesar de sofrer algumas mudanças, o plano desenvolvido por esses urbanistas foi a principal fonte das novas políticas urbanas, sobretudo depois de meados do século XX¹⁷. Os planos refletiram a situação colonial da época, apresentando soluções técnicas que seguiam interesses do governo metropolitano¹⁸.

Outra alteração significativa no cenário urbano foi a construção do porto, entre 1942 e 1945, que deu mais agilidade à chegada e saída de pessoas, de mercadorias e de matérias-primas. O porto de Luanda

¹⁷ Por conta das grandes transformações na urbanização de Luanda nesse período, diferentes pesquisadores, sobretudo geógrafos arquitetos, têm se dedicado a entender tais mudanças. Entre os principais estudos, estão os já clássicos de Ilídio do Amaral (1968) e Fernando Batalha (2006), além de textos mais recentes. AMARAL, Ilídio do. *Luanda (Estudo de Geografia Urbana)*. Junta de Investigações do Ultramar, 1968. BATALHA, Fernando. *A Urbanização de Angola*. Angola: Arquitectura e História, Edições Nova Veja, 2006. FONTE, Maria Manuela. *Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução*. Dissertação (Doutoramento em Planeamento Urbanístico) –UTL/FA, 2007. MAGALHÃES, Ana. *Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975*. Edições Tinta da China, 2009. MARTINS, Isabel, *Luanda: a cidade e a arquitectura*. Dissertação (Doutoramento) –FAUP, 2000. Ver também MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

¹⁸ Segundo Mourão, op. cit., p. 315: “Somente o plano de 1957, de Vasco Vieira da Costa, é que continha, para além de soluções técnicas e modernizantes, uma tentativa, de certo modo utópica, uma previsão de desenvolvimento integrado, de cunho pessoal, em que as técnicas e o ordenamento levavam em linha de conta o sonho de uma cidade nova, de uma sociedade nova”.

era o de mais fácil acesso (em comparação aos portos de Lobito e Moçamedes), possuindo aproximadamente dez quilômetros quadrados para ancoradouros e sendo o “fecho essencial” da linha de penetração ferroviária que ligava Angola ao Congo¹⁹.

No que se refere ao desenho da cidade, em meados do século XX, o bairro dos Ferreiras instalara-se definitivamente ao redor das avenidas Álvaro Ferreira e Neves Ferreira, o Largo da Mutamba, principal local de passagem e trânsito, se alterara significativamente e mesmo os musseques mais próximos do centro de Luanda, sobretudo da Baixa, como o Prenda e Samba, tiveram suas cubatas (“casas”) valorizadas, levando a população nativa mais pobre a ter que se deslocar para locais mais distantes²⁰.

Além disso, o trânsito das antigas famílias crioulas das Ingombota para o Bairro Operário começava a se tornar mais significativo, em função da queda da importância econômica e social desta elite letrada nativa em Luanda com a decorrente expansão da “cidade branca” sobre bairros nomeadamente africanos como os Coqueiros e as Ingombotas²¹.

Sobre a história, memórias e transformações destes bairros discutiremos a seguir.

As Ingombotas: espaço das elites angolanas locais

No bairro das Ingombotas, estava situada boa parte da antiga elite crioula nativa. Este bairro surgiu na segunda metade do século XVII, fruto de um acampamento de escravos e da Igreja do Rosário. O nome Ingombota é uma adaptação para o português do vocábulo quimbundo Ngambota, formada de ‘ngombo’ (foragido) + ‘kuta’ (estabelecer). Em virtude do anasalamento da consoante inicial – g – converteu-se o termo na língua portuguesa em Ingombota²².

Antigo ajuntamento de escravos fugidos, o local se transformou, sobretudo depois do ano de 1869, quando sob a justificativa da epidemia de varíola, a população nativa pobre foi removida do bairro

¹⁹ Os portos de Angola e seu movimento é destacado por Noberto Gonzaga (1969). GONZAGA, Norberto. *Angola. Pequena Monografia*. Agência Geral do Ultramar. Centro de Informação e Turismo de Angola, 1969.

²⁰ BOSSLET, Juliana Cordeiro de Farias. *A Cidade e a Guerra: Relações de Poder e Subversão em São Paulo de Assunção de Luanda (1961-1975)*. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal Fluminense, 2014. MOURÃO, op. cit.

²¹ MOURÃO, op. cit.; e MARQUES, Antonio H. de Oliveira. Introdução. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Nova história da expansão portuguesa*. Lisboa: Estampa, 2001.

²² RIBAS, Oscar. *Uanga* (feitiço). Luanda: Mercado das Letras, 2009.

dos Coqueiros, dentro da cidade, para as Ingombotas (e também para o bairro de Maculusso)²³.

O português Ladislau Batalha, que viveu entre São Tomé e Angola²⁴, durante sua passagem em Luanda (1889), descreve a Ingombota como sendo um “lugar dos pretos”, um ajuntamento de cubatas (espécie de casa) “mal alinhadas”, “mal construídas”, “sórdidas” e “imundas”, sem ar ou qualquer condição de “habitabilidade” e limpeza²⁵. Continua ele descrevendo o bairro em finais do século XIX:

Aqui, amigo, n'este bairro, habita a casta negra. [...] Por aqui e por alli passeiam á solta porcos, galinhas e gado lanigero. No meio do chão veem-se esteiras desdobradas, sobre as quaes estão deitados homens, mulheres e creanças, todos a fumar e a beber aguardente: as mulheres enroladas em pannos, quasi sempre sujos; os homens embrulhados em suas tangas que os cobrem da cintura para baixo e as creanças de ambos os sexos, até á idade de oito e dez annos, brincando todas nuas por aquelle nojento bairro²⁶.

O fato do bairro ser ocupado por membros da elite angolana é ressaltado logo de início, mas isto não o impediu de destacar aspectos negativos em relação à população local, sobretudo associando-os a aspectos que denotariam ausência de “civilização” dos moradores locais, como o uso de determinado tipo de fumo, a bebida e o fato de usarem pouca roupa. Reproduzia-se desta maneira o discurso ideológico feito desde o século XVI, quando do processo de expansão marítimo-comercial portuguesa e do contato com novos povos. Discursivamente, a nudez era reveladora, para os europeus, da falta de qualquer propriedade cultural, costumes, ritos e religião por parte dos autóctones das regiões com as quais mantiveram contato²⁷.

²³ RIBEIRO, Maria Cristina Portella. *Ideias republicanas na consolidação de um pensamento angolano urbano, 1880 c.-1910*. Tese (Mestrado em História de África)–Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

²⁴ RODRIGUES, Jacinto. A especificidade do imaginário colonial nos romances de aventuras de Ladislau Batalha. *Separata Africana Studia*, n. 7. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Africanos, 2004. p. 277-297.

²⁵ “O tecto é formado tambem com bordões ou paus estreiros de cajueiro, que depois cobrem de capim! Uma porta estreita e uma ou duas janellas muito pequenas constituem os unicos ventiladores d'estes coutos da hediondez”. BATALHA, Ladislau. *Angola. Bibliotheca do Povo e das Escolas*, n. 164, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1889, p. 11-13.

²⁶ BATALHA apud RIBEIRO, Maria Cristina Portella. *Ideias republicanas na consolidação de um pensamento angolano urbano (1880 c. - 1910 c.): convergência e autonomia*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Lisboa, UL, Portugal, 2012. p. 20- 21.

²⁷ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*, São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 34.

Outra visão, diametralmente oposta, foi feita por um angolano, pertencente a elite crioula, Joaquim Dias Cordeiro da Matta, no poema *A Ingombota e o Bródio* publicado no jornal O Mercantil de 1882:

Ingombota é um dos bairros mais concorridos, mais populosos e mais animados que tem Luanda. É belo passar-se ao nascer e pôr do sol naquela cidade de choças; verem-se as lindas e encantadoras raparigas assentadas às suas portas; e encontrarem-se os rapazes janotas e maltrapilhos (Tenórios e Lovelaces dos bairros), - a fazerem mil galanteios!... Mais bela é ainda a Ingombota quando o bródio lá ferve! Como se ele se anima! Como ela é sedutora!²⁸

As Ingombotas foi destacada enquanto um local de festa (bródio, na expressão do século XIX, utilizada por ele), local de conagração entre as pessoas de origens diversas, mas também de união, conforme ele continua salientando em sua descrição:

Quando, porém o bródio lhe dá; quando a gaita, a ricanza, a quipuíta e o batuque ali se houve; é então que a Ingombota é séria! Vê-se tudo num doce tumultuar. A cidade de Luanda – a alta e a baixa – deixa de ter galas, e só a Ingombota brilha. Se o bródio é dado por pessoas decentes, não deixa de a ele concorrer tudo quanto há de melhor e de selecto na sociedade luandense! Amanuenses, aspirantes, escriturários, guardas, zeladores, sargentos, caixeiros e até mesmo negociantes, se encontram nele!²⁹

A alusão a estas festas por um “filho do país”, caso também de Cordeiro da Matta, era mais uma das formas de união em torno de uma identidade coletiva da elite nativa local³⁰. Assim este bairro tornou-se um local emblemático para “filhos do país” e imigrantes brancos no século XIX, em geral por provocar sentimentos opostos, para os primeiros era local de união nacional, para os segundos uma antítese de tudo que poderia ser considerado civilizado³¹.

Nas Ingombotas habitavam desde este período (século XIX) membros das antigas famílias crioulas locais como os Matôzo de Andrade e Câmara, Amaral Gurgel, Bento Ribeiro, Ferreira Viana, Vieira Dias, Figueiras da Silva, Neto, Mingas, Van-Dunem e Pinto de Andrade³².

²⁸ CORDEIRO DA MATTa apud CORDEIRO DA MATTa, Joaquim apud OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *A Formação da Literatura Angolana (1855-1950)*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997. p. 72.

²⁹ CORDEIRO DA MATTa apud OLIVEIRA, op. cit., p. 73.

³⁰ MORENO, Helena Wakim. *Voz d'Angola clamando no deserto: protesto e reivindicação em Luanda (1881-1901)*. Dissertação (Mestrado em História Económica)–Universidade de São Paulo, 2014.

³¹ RIBEIRO, Maria Cristina Portella. *Ideias republicanas na consolidação de um pensamento angolano urbano, 1880 c.-1910*. Tese (Mestrado em História de África)–Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

³² FREUDENTHAL, Aida Faria. Angola. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Nova história da expansão portuguesa*. Lisboa: Estampa, 2001. v. XI, p. 427.

Até o início do século XX era o último local da Luanda urbana, como é possível perceber em uma imagem deste período:



Imagem 2: Ingombotas no início do século XX

Fonte: OLIVEIRA, José Carlos, “Os Zombo na tradição, na colónia e na independência” parte II, Revista Militar, Setembro de 2009, <www.revistamilitar.pt/modules/articles>.

Para esta elite letrada residir neste bairro era sinônimo de distinção social, bem como um lugar de autoafirmação, pois em finais do século XIX foi fundada nele a primeira associação literária de Angola e na década de 1930, do século XX, foi criada, também no bairro, outra associação, com pretensões mais amplas, a Liga Nacional Africana, organização criada pela elite letrada nativa que desenvolvia ações educativas e recreativas. Em linhas gerais, tanto a Associação Literária quanto a Liga instaladas no bairro constituíam-se enquanto um reforço às identidades deste grupo letrado nativo, descendente dos antigos crioulos.

Em depoimento dado a Michel Laban, Mário Pinto de Andrade, escritor e militante político, um dos fundadores do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), morador das Ingombotas e descendente das antigas famílias crioulas, assim descreve este espaço na primeira metade do século XX:

Percorri quase todas as Ingombotas durante a minha adolescência. Posso dizer que sou uma criança das Ingombotas, não sou uma criança do Golungo Alto. Foi nas Ingombotas que passei a minha adolescência, que vi o mundo, que comecei a aperceber-me do meu pequeno mundo angolano [...] Era um bairro muito familiar, toda a gente se conhecia... Na altura, nas Ingombotas coabitava-se um pouco com os brancos: havia belos edifícios perto da Câmara, a igreja do Carmo e a linha férrea que ia até a estação da Cidade Alta: o caminho de ferro do Bungo. E depois, havia o primeiro

edifício da Liga Nacional Africana, e todas as famílias angolanas habitavam nas Ingombotas. Havia casas definitivas, outras de pau-a-pique, outras de meia-agua³³.

Apesar de ter nascido em Golungo Alto, Andrade (1997) foi uma “criança das Ingombotas”, ou seja, sua identidade foi moldada em função das experiências que vivera naquele espaço social junto a outras elites nativas ali existentes. Ser deste bairro era então um fator de distinção social. Outro aspecto importante é a argumentação de que “[...] todas as famílias angolanas habitavam as Ingombotas”. Trata-se de uma hipérbole criada por ele, mas é indicativa da importância das famílias e tradições que estavam presentes nesse bairro, visto por ele em meados do século XX como um espaço angolano. Era também um local de resistência, pois também faz referência ao fato de que a Liga Nacional Africana, órgão reivindicativo já citado anteriormente, estava instalado no Bairro³⁴.

Em seu depoimento as Ingombotas era a cidade (urbanizada) em contraposição ao rural, representado sobretudo pelos musseques:

Não, Ingombotas é o próprio centro, é a igreja do Carmo, a Baixa, a Câmara, na época, já muito próximo do asfalto. Havia certas ruas ainda de pedra, mas as Ingombotas são o coração de Luanda, não era um meio rural. Nos anos trinta não se viam plantações, podia-se encontrar nalgumas casas um mamoeiro, árvores de frutos, mas não culturas do interior. Havia barrancos, evidentemente, as barrocas... Era bastante variado, mas começava a sentir-se a pressão dos edifícios, os edifícios dos funcionários e dos comerciantes brancos³⁵.

Ele descreve esta localidade como um “centro”, onde o poder religioso e administrativo também se faziam presentes, distinto do meio rural, moderno, o “coração de Luanda”, que já era pressionado pelo “mundo branco”. Em sua fala transparece a ideia de que as antigas elites crioulas eram a essência de Luanda, um universo angolano à parte, pressionado pela ocupação dos portugueses, criando-se uma dicotomia entre a cidade europeia e a cidade africana.

³³ ANDRADE, Mário Pinto de. *Mário Pinto de Andrade, uma entrevista dada a Michel Laban*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1997. p. 9.

³⁴ Michel Laban relata como Mário Pinto de Andrade acabou por conduzir a entrevista “Os primeiros temas a abordar tinham sido aflorados em nosso encontro inicial (anos 80), mas apercebi-me imediatamente que o meu interlocutor, que recorria de vez em quando a uns apontamentos redigidos a lápis em fichas de cartolina, tinha definido de antemão e com grande precisão o conteúdo de cada sessão de trabalho. Por vezes, como se pode constatar no princípio das gravações dos dias 2 e 6 de abril de 1984, ele mesmo tomava a iniciativa de evocar certas recordações, sem esperar minha pergunta...” (LABAN, 1997, p. VII-VIII). ANDRADE, Mário Pinto de. *Mário Pinto de Andrade, uma entrevista dada a Michel Laban*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1997.

³⁵ ANDRADE, op. cit., p. 12.

Entretanto a chegada dos portugueses no bairro, em meados dos anos quarenta, provocou não só a expulsão das populações locais, mas também uma forte urbanização, associada inclusive com a criação de novas ruas e toponímias, transformando este espaço cada vez mais em um espaço europeu. As antigas ruas que tinham os nomes de famílias locais, como Vieira Dias, Álvaro Franco e Pinto de Andrade vão ser substituídas por toponímias de figuras nacionais portuguesas como o navegador Bartolomeu Dias ou o poeta Luís de Camões³⁶. Demarcava-se assim simbolicamente o declínio da importância política, econômica e social das antigas famílias crioulas lá instaladas.

Para termos uma ideia das transformações que ocorreram nas Ingombotas, em duas imagens das décadas de 1920 e 1960, é possível perceber o aumento das construções (e edifícios) no bairro:



Imagem 3: Ingombota em 1925

Fonte: Evolução da cidade de Luanda entre as décadas de 30 e 60, através de fotos cedidas por José Luis Santos ao <<http://www.nossoskimbos.net>>.

Nesta imagem é possível perceber a existência, no centro da Ingombota, de espaços ainda não habitados, grandes clarões, mostrando de certa maneira um bairro rural dentro de Luanda e de nenhum edifício, o que vai ser transformado ao longo dos anos, como vemos em uma foto adiante. Apesar de o ângulo não ser o mesmo, é possível perceber que os espaços não habitados desapareceram, além de surgirem três prédios.

³⁶ JACOB, Berta Maria Oliveira. *A toponímia de Luanda: das memórias coloniais às pós-coloniais*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Património)–Universidade Aberta, Lisboa, 2011.



Imagem 4: Ingombota em 1969

Fonte: Evolução da cidade de Luanda entre as décadas de 30 e 60, em fotos cedidas por José Luis Santos ao <<http://www.nossoskimbos.net>>.

A este processo de urbanização correspondeu um aumento significativo do custo de vida no bairro, ocorrendo o encarecimento dos preços dos materiais de construção, alimentos etc., que associado à perda de espaço no mercado de trabalho, como vimos anteriormente, e a diminuição da importância política das antigas famílias crioulas. Com o Estatuto do Indigenato, estas passarão a residir em outros espaços, criados especialmente para receber estas novas populações, como os bairros da Maianga, Maculusso e o Bairro Operário.

O Bairro Operário: símbolo da união nacional e resistência ao colonialismo

O Bairro Operário foi construído no início do século XX e deve este nome, provavelmente, ao fato de seus primeiros moradores terem sido operários da Real Companhia dos Caminhos de Ferro de Luanda e da Conduta de Água (Estação de Água) que pertenciam a um mesmo dono, Alexandre Peres³⁷. As construções de tais bairros nas colônias africanas

³⁷ Esta informação é dada pelo escritor Jacques Arlindo dos Santos que redigiu em 1999 um livro de memórias sobre o bairro operário chamado de *ABC do Bê Ô*. Construído com palavras de A a Z, a ideia do autor é levar o leitor para dentro do bairro. Escrito quase sempre em tom saudosista e laudatório, retrata, em tom memorialístico, a história, fatos e personagens do Bairro Operário, chamado por ele de Bê Ô, desde a sua fundação até os dias atuais. SANTOS, Jacques Arlindo dos. *ABC do Bê Ô*. Angola: Edições CC, 1999.

de Portugal eram divulgadas na metrópole como um dos muitos acertos de sua política colonial, como se pode ver nas imagens da seção “Aspectos do Bairro Operário que está sendo construído em Luanda” publicada no Boletim Geral do Ultramar em 1954:



Imagem 5: Construção de um bairro operário em Luanda

Fonte: Aspectos do Bairro Operário que está sendo construído em Luanda In: Boletim Geral do Ultramar. Agência Geral do Ultramar, v. XXX - 352, 1954, p. 148.

Na remodelagem geográfica construída pelos portugueses, deveria ser uma zona residencial para as elites nativas que foram afastadas do centro de Luanda pelos imigrantes brancos. Exemplos não faltam para demonstrar que a política portuguesa obteve êxito como no caso de André Mingas e Antônia Vieira Dias, que tiveram seus primeiros filhos – Rui Mingas, Amélia Mingas e Saydi Mingas – nascidos na Ingombota, já os mais novos – Julia Mingas, André Mingas e José Mingas – nasceram no Bairro Operário (Bê Ó).

Os Van-Dunens também se transferiram das Ingombotas para o Bairro. Domingas Fernandes de Barros Van-Dunem se casou com Demóstenes de Almeida Clington, de origem são-tomense. Dessa família, viveram no bairro o enfermeiro Jorge de Campos Van-Dunem, o escritor Domingos Van-Dunem, o futuro embaixador de Angola, Francisco Van-Dunem, além de Carlos Alberto Van-Dunem, um dos presos em julho de 1959 no Processo dos Cinquenta³⁸.

³⁸ SANTOS, Jacques Arlindo dos. *ABC do Bê Ó*. Angola: Edições CC, 1999. p. 44.

As construções deste bairro eram mais simples do que as encontradas nas Ingombotas, mas em muito superior às existentes nos musseques (espécie de “favelas” angolanas). Como se pode ver nas imagens de algumas destes imóveis, como a residência da família de Agostinho Neto.



Imagem 6: Casas do Bairro Operário, Luanda (I)

Fonte: SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê ô*, Angola, Edições CC, 1999. p. 21.

Trata-se de uma construção típica dos anos trinta e quarenta, com as paredes pintadas de azul acinzentado, com rodapés de um azul mais escuro. Outras casas deste bairro seguiam o mesmo padrão:



Continuam velhas as ruas e as casas do Bairro Operário

Imagem 7: Casas do Bairro Operário, Luanda (II)

Fonte: SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê ô*, p. 262.

Suas ruas sem pavimento e iluminação geravam uma grande insatisfação nas pessoas como bem registra Arnaldo Santos no conto “Bairro Operário não tem luz”, originalmente escrito em finais da década de 1960:

– Por que que o Bairro Operário não tem luz? [...] Então as casas de pau-a-pique não tem direito a luz elétrica?! Como é que as pessoas iam comer e brincar a noite? E nas ruas por que não punham candeeiro como os da baixa?³⁹

O trânsito de famílias e o fato de estar em uma região fronteira, entre a cidade branca (o asfalto) e os musseques, fez como que o bairro se tornasse ao longo do tempo o símbolo de união dos angolanos e mesmo portugueses pobres, como arquetipicamente podia ser visto durante o Carnaval, onde os antigos crioulos, novos assimilados, nativos e mesmo portugueses, cabo-verdianos e são-tomeenses se espalhavam pelas ruas do bairro, fazendo usos da música brasileira de Emilinha Borba, Carmélia Alves, Black Out e Luiz Gonzaga, mas também música angolana, representada naquele que talvez tenha sido o maior grupo musical de Angola, o N’Gola Ritmos⁴⁰.

Assim em meados do século XX o Bê Ó tinha uma população bem plural, que vivia sobretudo dos setores informais da economia, ou mesmo alugando quartos para aqueles que viam a Luanda por alguma razão⁴¹. Segundo Roberto de Almeida, que viveu no bairro entre 1955 e 1959, os moradores do Bê Ó eram “[...] cidadãos de nível médio num bairro muito frequentado, com muitas casas de baile, com prostitutas à volta e, por isso mesmo, frequentado, também, por militares, soldados portugueses que vinham a Angola combater”⁴².

Almeida, atual vice-presidente do MPLA, em entrevista dada a Agência Angola Press (2004), diz que ele, junto com sua irmã mais velha Deolinda Rodrigues, igualmente militante anticolonialista, foi um dos que migraram para o Bairro Operário. Vindos do Marçal, foram morar na casa da mãe de Agostinho Neto, Maria da Silva Neto⁴³. A casa

³⁹ SANTOS, Arnaldo. O Bairro Operário não tem luz In: SANTOS, Arnaldo. Kinaxixe e outras prosas. São Paulo: Ática, 1981, p.72-74.

⁴⁰ SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê ò*, Angola: Edições CC, 1999.

⁴¹ BIRMINGHAM, David. O Carnaval em Luanda. *Análise Social*, v. xxvi, n. 111, p. 417-429, 1991.

⁴² ALMEIDA, Roberto. Roberto de Almeida e as memórias sobre Agostinho Neto. Agência Angola Press.

12 dez. 2014. Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/entrevistas/2014/10/46/Roberto-Almeida-memorias-sobre-Agostinho-Neto,48badf28-895b-44f7-a9af-da6aea5c0912.html>. Acesso em: 6 mar. 2015.

⁴³ Roberto de Almeida e as memórias sobre Agostinho Neto. In: Agência Angola Press. 17 set. 2014. Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/

também recebia outros jovens do interior e que iam para Luanda para terminar seus estudos, como o militante José Mendes de Carvalho (o Hoji-ya-Henda), morto em combate em 1968. Sobre a vida na casa da mãe de Agostinho Neto, Almeida (2014) disse:

Então, neste ambiente a nossa vida foi feita em casa da D. Maria da Silva Neto, como sabem, era professora primária e também muito religiosa, frequentava a igreja todas as semanas, era metodista e nós, naturalmente, também acompanhávamos em algumas dessas saídas e fomos crescendo nesse ambiente; éramos livres, não tínhamos pressões de natureza nenhuma, mas claro que tínhamos que contribuir, prestando serviços em casa, havia dias que um estava escalado para comprar o pão, outro para lavar a louça, outro para pôr a mesa etc..., mas eram trabalhos que nós fazíamos, a par dos nossos estudos, sem grandes constrangimento⁴⁴.

A fala de Andrade revela outra dimensão do bairro operário: a presença de igrejas protestantes naquele espaço, as quais, apesar da forma oposta aos bailes, carnaval e mesmo casas de prostituição, servia também com uma forma de contato (e futura articulação) da população local. Além disso, a própria formação protestante dos principais líderes do MPLA como o presidente Agostinho Neto, Domingos da Silva, o pastor metodista e segundo vice-presidente e Deolinda Rodrigues, chefe dos Assuntos Sociais, levam a historiografia sobre o tema a imaginar que talvez os dirigentes reproduziram modelos e padrões desta cultura religiosa, tendo desta forma um papel importante na estruturação do próprio MPLA, deixando marcas significativas na sensibilidade e no *modus operandi* deste movimento anticolonialista⁴⁵.

Para Jacques Arlindo dos Santos (1999) o Bairro Operário era a personificação do anseio de uma nação angolana independente:

É um bairro que assumiu expressão notável da vida urbana luandense e nacional. Ela achava-se, durante algumas décadas, na orla limite entre dois tipos distintos de modo de vida cidadina, nomeadamente, a do asfalto e a do musseque. Ambas as formas opunham-se e completavam-se numa filigrana subtil de relações que o colonialismo tornava desigual⁴⁶.

politica/2014/8/38/Roberto-Almeida-memorias-sobre-Agostinho-Neto,a09444a8-92d9-4448-9e5a-18b3588a1b2b.html>. Acesso em: 6 out. 2015.

⁴⁴ ALMEIDA, Roberto. Roberto de Almeida e as memórias sobre Agostinho Neto. Agencia Angola Press. 12 dez. 2014. Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/entrevistas/2014/10/46/Roberto-Almeida-memorias-sobre-Agostinho-Neto,48badf28-895b-44f7-a9af-da6ae5c0912.html>. Acesso em: 6 mar. 2015.

⁴⁵ PAREDE, Margarida. Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o Papel da Cultura na Política. *Cadernos de Estudos Africanos*, 20, 2010, p. 11-26 e MABÉKO-TALI, Jean-Michel. *Dissidências e poder de Estado: O MPLA perante si próprio (1962-1977)*. Luanda: Nzila, 2001.

⁴⁶ SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê à*. Angola: Edições CC, 1999. p.10.

Tal qual as Ingombotas, do século XIX e início do século XX, o Bairro Operário em meados do século XX era o limite entre a cidade e o musseque. Assim nas memórias de Santos (1999) o Bê Ó era o símbolo da relação entre dois mundos (o rural e o urbano) mas também união nacional entre as elites africanas e o povo angolano, provocada pela opressão do colonialismo português, como deixa transparecer na continuação de sua fala:

A inexorável destruição da antiga burguesia angolana e sua sequele marginalização social refletiu-se, também, na ocupação do espaço na cidade. Assim, para o Bairro Operário foram empurradas várias famílias de velha tradição local, onde conviveram com habitantes de origem que eles contribuíram a aculturar⁴⁷.

A partir de sua percepção, a “velha tradição local”, ou seja, as antigas elites nativas, “aculturou” as populações locais. Sua fala reflete uma determinada visão que perdurou (e perdura) em Angola de certo protagonismo destas elites em unir e conduzir as populações angolanas contra o colonialismo português, o que necessariamente não dá conta de toda a complexidade do processo de independência de Angola, cujas forças muitas vezes difusas e desconexas foram fundamentais para a dissolução do domínio português, mas produziu cisões que perdurarão na guerra civil pós-independência⁴⁸.

Mas para Santos (1999) estas distinções (e desconexões) não faziam sentido no Bê Ó, visto ser ele o “coração da vida popular luandense”, onde se apresentava “toda a riqueza do kaluanda” como ressalta:

Entre as décadas de quarenta até metade da de setenta, o coração da vida popular luandense situa-se no centro do Bairro Operário. Ali é visível toda a riqueza do kaluanda, personificada na sua forma de estar, na alegria que tem de viver em condomínio francamente aberto. Mostra igualmente a sua pobreza e todo o drama do povo, que parece não ter mais fim. Drama que foi transportado dos Coqueiros, da Ngambota, do Braga e de outros sítios⁴⁹.

A cultura caluanda, referência a certa especificidade de Luanda ante a restante da colônia, encontrava a sua maior ressonância no bairro operário, bem como os ecos de resistência e união contra o colonialismo

⁴⁷ SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê ò*. Angola: Edições CC, 1999. p. 10.

⁴⁸ BITTENCOURT, Marcelo. “*Estamos Juntos!*” *O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Luanda: Kilombelombe, 2008. v. 2. 710p. ; BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às Armas*. Trajectórias da Contestação Angolana. 1. ed. Lisboa: Vega, 1999. v. 1. 229p.; MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999 e MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola*. Lisboa: Edições ASA, 2007.

⁴⁹ SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê ò*. Angola: Edições CC, 1999. p. 35-36.

português em Angola. Esta visão idealizada persiste quando ele associa o Bairro Operário ao Carnaval:

O Carnaval no Bairro Operário tem para o grande povo riqueza e tradição. Tem festa de salão com seus enfeites de papel de seda, também seus mascarados, pobres mas mascarados, música brasileira de Emilinha Borba, Carmélia Alves, Black Out e Luis Gonzaga, mas também música angolana [...] O Bairro Operário é há muito símbolo luandense da maior festa popular angolana, e vibra ao som do que mais bonito tem o Carnaval: o som da festa do povo⁵⁰.

Aqui novamente é reiterada a ideia do Bairro enquanto símbolo de união nacional consubstanciado no Carnaval, que ganha o mesmo significado dos bródios existentes nas Ingombotas do século XIX. Utilizando-se de uma foto de 1956, Santos (1999) sintetiza esta ligação. Na imagem o Ngola Ritmos, um dos mais importantes grupos angolanos, saindo nas ruas do Bê Ó durante o Carnaval, junto a um português.



Imagem 8: Grupo N'Gola Ritmos no Bairro Operário (1956)

Fonte: SANTOS, Jacques Arlindo dos. *ABC do Bê Ó*. Chá de Caxinde, Luanda, 1999.

Criado em finais dos anos 40 no Bê Ó, o N'Gola Ritmos foi formado por membros das famílias crioulas locais como Vieira Dias (Carlos) e Van-Dúnen (Antônio). Tratava-se entretanto de segmentos mais empobrecidos dentro destes grupos. O fundador do N'Gola foi Carlos Aniceto Vieira Dias, mais conhecido como “Liceu”, por ter feito seus estudos no Liceu Salvador Correia. Marissa Moormam ressalta que as músicas do grupo eram cantadas em diferentes línguas: kimbundo, kikoango, umbundu e português, além de frases e expressões em francês, inglês e espanhol, evidenciando assim os trânsitos entre a musicalidade angolana e a europeia, entre o urbano (moderno) e o rural (tradicional),

⁵⁰ SANTOS, Jacques Arlindo. *ABC do Bê Ó*. Angola: Edições CC, 1999, p.57- 59.

unidas nas vozes do N'Gola⁵¹. Os membros do Ngola: Liceu Vieira Dias e Amadeu Amorim fizeram parte do primeiro grupo panfletista, surgido no Bê Ó, e que se punha contra o colonialismo português. Além de Liceu e Amadeu, faziam parte deste grupo o escritor Agostinho Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), o militante Beto Van-Dunen, dentre outros.

Em fins de 1957 e início de 1958 este grupo começou a distribuir panfletos para chamar a população angolana a lutar pela independência. Em 1959 a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) entrou no bairro e prendeu grande parte dos envolvidos na distribuição dos panfletos. Com o intuito de libertar estes presos, em 4 de fevereiro de 1961, mais de 200 angolanos, oriundos das Ingombotas, do Bairro Operário e de outros espaços de Luanda, atacaram a prisão de São Paulo e a Casa de Reclusão Militar, dando início a luta aberta contra a dominação colonialista portuguesa em Angola⁵².

Considerações finais

No Bairro Operário chegava às ruas definitivamente o desejo de libertação do povo angolano, construído em grande parte inicialmente nas Ingombotas e suas organizações (como a Liga Nacional Africana, criada nos anos trinta) mas também nos espaços de lazer e religião do Bê Ó que também funcionavam enquanto espaços de articulação política.

O descontentamento dos angolanos fora acentuado pelo que se vira nos anos anteriores (1940-1950), ou seja, um maior endurecimento racial provocado pelo aumento da presença europeia, a expansão da “cidade branca” sobre espaços antes angolanos, degradação da situação econômica e das condições gerais de existência.

Nas memórias dos moradores dos dois espaços, dados/escritos já depois do processo de independência, é possível perceber uma imaginação de nação, parafraseando Benedict Anderson⁵³. As Ingombotas e o Bairro Operário constituíam-se assim para a “alma” angolana enquanto espaços de comunhão e união entre pessoas de diferentes origens, uma Angola desejada e projetada.

O simbolismo do bairro operário era ainda mais significativo, em primeiro lugar, por ser um espaço profundamente misturado contando

⁵¹ MOORMAN, Marissa Jean. *In-tonations: A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times*. Athens: Ohio University Press, 2008.

⁵² MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do Colonialismo e da Guerra*. Porto: Edições ASA, 2006.

⁵³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

com a antiga elite crioula empobrecida, os novos assimilados vindos do interior, portugueses pobres que já se percebiam como angolanos e os nativos que, apesar do pragmatismo que porventura podiam conduzir suas vidas, já sentiam que era preciso fazer alguma coisa em relação à opressão social e econômica de Portugal.

Além disso, era o espaço onde viveram três personagens icônicos para o MPLA, (movimento que proclamou a independência e que está no poder até os dias atuais), Agostinho Neto, primeiro presidente do país independente, Deolinda Rodrigues, única mulher no comitê diretor nos anos setenta, José Mendes de Carvalho (o Hoji Ya Henda), herói nacional morto em 1968 e Liceu Vieira Dias, o músico do N'Gola, mas também um dos “mais velhos” responsáveis pelo movimento de panfletarismo existente no Bairro.

A própria ideia de um espaço operário, proletário também agradava aos ideólogos do movimento, visto a aproximação deste com as ideias marxistas. Os operários, que fizeram do marxismo o seu guia para a ação prática, não poderiam fazer o mesmo em Angola? Não seriam eles “milagrosamente lúcidos” como disse Arnaldo Santos no conto “Bairro Operário não tem luz?”⁵⁴.

A busca pelos espaços símbolos das Ingombotas e do Bairro Operário (ou mesmo de um personagem símbolo), registrado nas memórias daqueles que viveram em Angola em meados do século XX, constitui-se assim enquanto um elemento importante do que poderíamos chamar de tentativa de construção (e imagi-nação) de uma identidade angolana.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2015.

Aprovado em: 29 de maio de 2015.

⁵⁴ SANTOS, Arnaldo, Bairro Operário não tem luz. In: SANTOS, Arnaldo Santos. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Ática, 1981.

